

# A crônica de Moacyr Scliar

## Luís Augusto Fischer entrevista Moacyr Scliar

Em 2003, recebi um dos calorosos telefonemas do Moacyr Scliar: eu não estaria disposto a organizar, para uma prestigiosa coleção da Editora Global, uma antologia de suas crônicas? A resposta só poderia ser sim, e foi: aceitei, com grande gosto, porque o Scliar é daquelas figuras que sempre valem a pena e porque sua crônica constitui um repertório de valiosos depoimentos sobre uma fase importante da vida brasileira. Ele mesmo me colocou à disposição um acervo de sua produção cronística, material com que trabalhei para organizar a antologia. O livro saiu, de fato, no ano seguinte, e para ele eu escrevi um estudozinho, além de algumas notas biográficas, como orientação para o leitor. Enquanto concebia meu trabalho, me ocorreu fazer uma pequena entrevista com o autor, talvez para constar na íntegra no futuro volume, no mínimo para conhecer melhor sua visão do gênero. No fim das contas, por motivos de definição editorial, não se viabilizou publicar a entrevista. Fiquei eu com essa preciosidade, que publiquei num jornal gaúcho (ABCDomingo, de Novo Hamburgo), ainda no final de 2003, longe portanto dos olhos do leitor do futuro. Agora, com a morte de Scliar, suas palavras crescem de importância, motivo pelo qual aqui figura a íntegra da pequena entrevista, realizada por email.

### **Luís Augusto Fischer: Qual a tua rotina de cronista?**

**Moacyr Scliar:** Não tenho propriamente uma rotina. O que faço, antes de mais nada, é estar atento: atento ao que acontece, atento às notícias da mídia. Crônica tem tudo a ver com o cotidiano. Vou guardando recortes de jornais, anotando ideias; mas o uso, de qualquer modo, tem de ser mais ou menos imediato. Na ficção, uma boa ideia pode ficar amadurecendo durante anos; na crônica isto já é mais difícil. Encontrado o assunto, trato de elaborá-lo, primeiro na mente, logo no computador. Escrevo muito rápido – posso redigir um texto de trinta linhas em uns dez, quinze minutos – mas não gosto de fazê-lo em cima da hora: prefiro entregar com alguma antecedência.

### **Luís Augusto Fischer: Como tu pensas na linguagem da crônica, na tua prática? Há algum problema típico?**

**Moacyr Scliar:** O grande problema, na crônica, é ser entendido pelo leitor sem renunciar a uma linguagem literária. Um conto pode ser obscuro, intrigante; uma crônica não. Mas a crônica é, sim, um gênero literário – e, em nosso país, um gênero importante. Para muitas pessoas é a grande, senão a única, forma de acesso à literatura. Problema típico, na crônica, é o uso de vocábulos menos conhecidos do grande público (exemplo: *provector*, adjetivo que tive de retirar de um texto) ou de expressões em francês, em inglês, em latim. Na dúvida, consulto o editor. Se ele reluta, elimino. Opto pela clareza. A crônica tem de ser democrática, portanto compreensível.

**Luís Augusto Fischer:** Como te parecem os limites entre crônica e outros textos? São claros? Algo te incomoda neste particular?

**Moacyr Scliar:** Depois de todos estes anos acho, sim, que os limites da crônica são claros. Crônica não é conto: é um comentário sobre a realidade, portanto exclui ficção (ainda que, na Folha de São Paulo, eu escreva um texto ficcional baseado em notícias de jornal. Mas eu não o chamo de crônica. Nem de conto. É uma espécie de crônica ficcionalizada). Crônica não é um gênero tão erudito quanto o ensaio. Crônica não é tão factual quanto o artigo (sobre política, por exemplo). Crônica tem um elemento de subjetividade, mas é preciso evitar a tentação do narcisismo.

**Luís Augusto Fischer:** Aconteceu alguma experiência interessante em função da alguma crônica tua?

**Moacyr Scliar:** A crônica é um gênero que costuma desencadear respostas imediatas: os leitores escrevem, mandam e-mails, telefonam. É preciso certo grau de equilíbrio emocional para avaliar estas reações. Às vezes o entusiasmo é exagerado (“Obra prima!”). Outras vezes, ao contrário, as pessoas reagem com indignação, com raiva. Há um terreno minado na crônica: a ironia. Os leitores tendem a acreditar no que está escrito como expressão direta do pensamento ou das emoções do autor.

**Luís Augusto Fischer:** Aconteceu de o assunto de alguma crônica tua virar tema de conto ou enredo de romance? Pode ocorrer?

**Moacyr Scliar:** Já ocorreu, sim. Na Zero Hora, resolvi escrever uma crônica sobre o prêmio turfístico Bento Gonçalves. Imaginei um centauro disputando a corrida com os cavalos, ganhando e criando o problema: centauro é cavalo, é jóquei, ou é as duas coisas juntas? O texto não saiu grande coisa, e eu até joguei-o fora, mas a ideia continuou me perseguindo. Escrevi um conto, mas este ainda não esgotava o tema. Ampliei o conto, transformei-o numa pequena novela – mas ainda assim não me satisfazia. Dei-me conta de que o centauro queria um campo mais vasto para galopar e surgiu “O Centauro no Jardim”, um romance que escrevi com enorme satisfação.